

A quem cabe perdoar: a relação com Deus em uma crônica de Clarice Lispector

AILTON MAGELA DE ASSIS AUGUSTO

Graduando em Letras da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF); bolsista de Iniciação Científica no projeto de pesquisa Literatura e Espiritualidade V, sob orientação da Prof^a Dr^a Teresinha V. Zimbrão da Silva. e-mail: ailtonmaa79@yahoo.com.br

Resumo: O presente trabalho tem por objetivo demonstrar a possibilidade de estabelecer-se um diálogo entre Literatura e Teologia a partir dos textos jornalísticos da escritora Clarice Lispector (1925-1977), produzidos entre 1967 e 1973, para o *Jornal do Brasil*. Para tanto, faremos uma análise da crônica “Perdoando Deus”, chamando a atenção para elementos do texto que problematizam o discurso religioso tal como é convencionalmente aceito pelo senso comum.

Palavras-chave: literatura e teologia; Clarice Lispector; crônica

Abstract: The present work aims at demonstrating the possibility to establish a dialogue between Literature and Theology considering the journalistic texts by Clarice Lispector (1925-1977), produced between 1967 and 1973, for *Jornal do Brasil*. This way, we will make an analysis of the chronicle “Forgiving God”, calling the attention for elements in the texts that put in doubt the religious discourse the way it is conventionally accepted by the common sense.

Keywords: literature and theology; Clarice Lispector; chronicle

1. A aproximação entre Literatura e Espiritualidade por meio da crítica literária

Promover uma aproximação entre a Literatura e a Teologia (ou, de modo mais amplo, o tema da Espiritualidade), por meio da crítica literária, é uma escolha possível se tomarmos em conta o fato de que essas duas áreas do conhecimento, aparentemente distintas e até mesmo antagônicas, compartilham objetivos em comum. Tanto os textos literários como os textos sagrados surgem como resultado de um interesse de seus autores pela existência humana e ambos tentam, igualmente, explicá-la, retratá-la ou transcendê-la. Em artigo também dedicado à obra clariceana, Blanches de Paula (1997) aponta para a afinidade da Literatura com outras áreas do conhecimento, destacando que “a literatura revela o ser humano, a vida, as relações que incluem várias nuances de sua busca incontida de descoberta de outros espaços, respostas por questões surgidas no decorrer da vida” (PAULA, 1997, p. 103). Desde esse ponto de vista, é pertinente a afirmação, por parte da autora, de que a Literatura seria “um aglome-

rado infundável de relações com a sutileza de ter sempre algo a conhecer, a ser descoberto” (PAULA, 1997, p. 103).

Assim, pareceriam menos forçadas as tentativas de aproximação promovidas por teólogos e literatos. No que tange ao nosso trabalho, buscamos inserir nossa análise no campo de estudos comparados da Teopoética, o qual foi delimitado pelo teólogo alemão Karl-Josef Kuschel em sua obra *Os escritores e as escrituras* (1999). Nessa obra Kuschel tenta dar conta do estabelecimento de novas relações entre Literatura e Teologia¹, pautadas não mais em um confronto, e sim em um diálogo, no qual essas duas áreas do conhecimento se iluminam mutuamente e dão contribuições uma à outra, facultando a melhor apreensão e significação da existência humana.

Antonio Manzato, um dos estudiosos brasileiros que se dedicam ao tema e o aborda numa perspectiva antropológica, com destaque para seu estudo sobre a obra de Jorge Amado, defende em trabalho recente (MANZATTO, 2011) que a abordagem teopoética ainda não apresenta, até o momento, um conteúdo programático ou método de trabalho bem definidos.

Já Antonio Magalhães, outro brasileiro que se dedica ao tema, explica que o campo de estudos em questão parte “do princípio de que a literatura *é uma forma de apresentar imagens de Deus* que mantém a dinâmica e a indisponibilidade de Deus” (MAGALHÃES, 2000, p. 140, grifo nosso). Ou seja, busca-se por meio da leitura do texto literário resgatar a imagem de um Deus que era “inesperado”, um “causador de crise na vida das pessoas que o experimentam e vivenciam”, e que “foi sendo subsumido pelo narcótico religioso que apreende a experiência por meio de formulações e torna Deus algo à disposição de nossos sentimentos” (MAGALHÃES, 2000, p. 140).

Levando em consideração a indeterminação metodológica do campo de estudos da Teopoética, que de nenhum modo inviabiliza nossa intenção de identificar imagens de Deus na Literatura, em consonância com o que foi apontado por Magalhães, parece-nos que o estudo interpretativo de textos literários, como o que ora apresentamos, é uma alternativa possível frente às possibilidades do diálogo da Literatura com a Teologia.

Tomamos como objeto de análise as crônicas da escritora Clarice Lispector (1925-1977), publicadas no *Jornal do Brasil* entre 1967 e 1973. Reunidas postumamente no volume *A descoberta do mundo*, elas apresentam, em nossa percepção, a proposição de um novo olhar sobre o mundo, postulando a possibilidade de uma apreensão mais densa da realidade, em diálogo e confrontação com a Teologia.

2. As “não-crônicas” de Clarice Lispector e a emergência de um olhar “desbanalizador”

Em 1967, Clarice Lispector aceita um convite para escrever crônicas semanais

¹ Para melhor conhecimento tanto das discussões a respeito da oportunidade ou inadequação de promover-se uma aproximação entre a Teologia e a Literatura quanto sobre os métodos de trabalho usados nos estudos mais recentes dedicados à aproximação entre as duas áreas, consultar os trabalhos de Magalhães (1997, 2000) e Manzatto (2011) indicados nas referências.

para o *Jornal do Brasil* e, embora já houvesse colaborado para a imprensa anteriormente, a tarefa de assinar uma coluna se lhe configura nova e dificultosa, sendo tal dificuldade explicitada nos próprios textos enviados pela escritora à redação do periódico, conforme se poderá ver no fragmento reproduzido abaixo, retirado da coluna do dia 9 de setembro de 1967:

Ainda continuo um pouco sem jeito na minha nova função daquilo que não se pode chamar propriamente de crônica. E, além de ser neófito no assunto, também o sou em matéria de escrever para ganhar dinheiro. Já trabalhei na imprensa como profissional, sem assinar. Assinando, porém, fico automaticamente mais pessoal. E sinto-me um pouco como se estivesse vendendo minha alma (LISPECTOR, 1999, p. 29).

É possível depreender da leitura da crônica supracitada que, em um primeiro momento, Clarice Lispector realmente se sente “sem jeito” em sua nova função de cronista, escrevendo por dinheiro e sob o “peso” de sua assinatura: a de uma escritora que já contavam com certo renome por essa época.

Cumprir notar que o incômodo de Clarice Lispector com o assumir-se autora da coluna passa pelo fato de isso torná-la – a contragosto – mais pessoal. Esta pessoalidade em que Clarice acreditava ir contra a concepção mais ou menos generalizada de que a crônica, por conta de seu meio de divulgação, se pedia uma escrita diferenciada, na qual a subjetividade do autor fosse menos presente. A crônica funcionaria então como comentário de acontecimentos recentes, o que para a escritora era um desafio.

Com o passar dos meses, ela irá aos poucos contornando essa situação de desconforto inicial. Contudo, isso é feito sem que Clarice se permita concessões, como podemos ler em um dos textos da coluna publicada em 24 de fevereiro de 1968:

Ganhei o troféu da criança-1967, com meu livro infantil *O Mistério do Coelho Pensante*. Fiquei contente, é claro. Mas muito mais contente ainda ao me ocorrer que me chamam de escritora hermética. Como é? Quando escrevo para crianças sou compreendida, mas quando escrevo para adultos fico *difícil*? Deveria eu escrever para os adultos com as palavras e os sentimentos adequados a uma criança? Não posso falar de igual para igual? Mas, oh Deus, como tudo isso tem pouca importância (LISPECTOR, 1999, p. 79, destacado no original)

Anos depois a autora retoma o tema das implicações que escrever para jornal teriam para ela. No texto “Escrever para jornal e escrever livro”, de 29 de julho de 1972, ela declara que

[...] a compreensão do leitor depende muito de sua atitude na abordagem do texto, de sua predisposição, de sua isenção de idéias preconcebidas. E o leitor de jornal, habituado a ler sem dificuldade o jornal, está predisposto a entender tudo. E isto simplesmente porque “jornal é para ser entendido”. Não há dúvida, porém, de que eu valorizo muito mais o que escrevo em livros do que o que escrevo para jornais – isso sem, no entanto,

deixar de escrever com gosto para o leitor de jornal e sem deixar de amá-lo (LISPECTOR, 1999, p. 421).

Demonstrando um aparente desinteresse pelas críticas recebidas quanto ao seu “estilo”, a escritora reformula seu projeto estético-literário, passando de uma escrita centrada nas variações íntimas das personagens para outra, centrada no próprio exercício da linguagem. No fragmento acima, por exemplo, ela questiona a adequação das palavras e dos sentimentos do autor ao público do seu texto. Ao fazer isso, Clarice Lispector borra as fronteiras entre os distintos gêneros textuais e consegue transformar a atividade de cronista em algo que ela considera mais palatável.

O apagamento das fronteiras do literário, que surge como consequência desse novo projeto estético, é evidenciado pelo trânsito existente entre textos que originalmente eram contos ou capítulos de romances e que foram publicados como crônicas nas colunas de Clarice e, também, pelo trânsito que se deu em direção inversa, isto é, textos que saíram estampados no *Jornal do Brasil* e depois vieram a constituir partes de livros publicados pela autora. Como destaca Mayara Ribeiro Guimarães (2007), em decorrência do trabalho no jornal, a obra clariceana

passa a destacar o contraste entre estilo lírico e coloquial, poesia e fatos domésticos, abstracionismo e figurativismo, além de acentuar o diálogo com outras expressões artísticas como a pintura e a música, resultando em uma narrativa que explicita o processo criativo de composição. Considera-se que uma das razões para tal ruptura, de acordo com depoimento da própria Clarice, foi a necessidade de renovação artística, intensificada já nos últimos dez anos de vida, por conta de seu trabalho como cronista do *Jornal do Brasil* de 1967 a 1973 (GUIMARÃES, 2007, não paginado).

O comportamento da autora pode ser considerado, em certa medida, como transgressor daquilo que se reconhece convencionalmente como sendo literário, e a transgressão que Clarice Lispector cometia ao escrever suas crônicas no final dos anos 60 e início dos anos 70 nos interessa na medida em que, criando em suas colunas semanais um espaço de experimentação estética assentado no diálogo da Literatura com outras artes e outros saberes, ela explicitava não só uma escrita criativa, mas também um modo próprio de tocar o mundo que nos permite ler seus textos dentro do marco teórico proposto para o presente trabalho.

O campo de estudos da teopoética, conforme já foi destacado na introdução, privilegia o texto literário como instância que, junto às abordagens teológicas, permitiria ao ser humano “desbanalizar” o olhar que lança sobre o mundo, ressignificando-o, e as crônicas de Clarice Lispector apontam nessa direção ao romper com o que está consensualmente aceito, buscando novos modos de dizer a vida.

3. A quem cabe perdoar: o descompasso do homem com Deus

A crônica “Perdoando Deus”, publicada originalmente em 19 de setembro de

1970, parece confirmar nossa hipótese de que o texto clariceano pode ser lido dentro do campo de estudos da teopoética e, de igual modo, confirma a postura da cronista Clarice Lispector frente à tarefa de escrever.

O título nos apresenta, de imediato, uma questão que tensiona o discurso sobre Deus tal qual o conhecemos: sendo o perdão um atributo divino por excelência – inclusive já retratado como tal na literatura brasileira² – *como pode alguém perdoar a Deus?* A seguir tentaremos demonstrar como essa inversão de papéis é possível fazendo uma leitura interpretativa da crônica em questão.

O texto começa com a narradora descrevendo o modo pelo qual, durante uma caminhada sem compromisso, ela cria para si um espaço íntimo, cuja liberdade lhe permite conectar-se com Deus de um modo novo, desconhecido por ela até aquele momento:

Eu ia andando pela Avenida Copacabana e olhava distraída edifícios, nesga de mar, pessoas, sem pensar em nada. Ainda não percebera que na verdade não estava distraída, estava era de uma atenção sem esforço, *estava sendo uma coisa muito rara: livre*. Via tudo, e à toa. Pouco a pouco é que fui percebendo que estava percebendo as coisas. (...) Tive então um sentimento *de que nunca ouvi falar*. Por puro carinho, eu me senti a mãe de Deus, que era a Terra, o mundo (LISPECTOR, 1999, p. 311, grifos meus).

Diante da novidade desse sentimento (sentir-se a mãe de Deus), a narradora constata a limitação do discurso teológico frente às múltiplas possibilidades de contato com Deus, incluindo aquela que ela havia vivenciado. E então nos diz: “Sei que se ama *ao que é Deus*. Com amor grave, amor solene, respeito, medo e reverência. *Mas nunca tinham me falado de carinho maternal por Ele*” (LISPECTOR, 1999, p. 311, grifos meus).

O fato de que nunca tenham falado de amor maternal por Deus não exclui a possibilidade de que isso ocorra. Constata-se, então, a existência de um descompasso entre o discurso teológico sobre Deus, incorporado pelas pessoas por meio do filtro do senso comum, e a experiência religiosa vivenciada por cada indivíduo. Na apropriação que o senso comum faz do discurso teológico, Deus é transformado em um mero construto teórico (tanto que o texto fala de amar *ao que é Deus*).

A distância entre o falar sobre Deus e o contactar-se com Ele aumenta ainda mais quando a narradora quase pisa num enorme rato morto. Em suas palavras:

Em menos de um segundo estava eu eriçada pelo terror de viver, em menos de um segundo estilhaçava-me toda em pânico, e controlava como podia o meu mais profundo grito. Quase correndo de medo, cega entre as pessoas, terminei no outro quarteirão encostada a um poste, cerrando violentamente os olhos, que não queriam mais ver. (...) Toda trêmula, consegui continuar a viver. Toda perplexa continuei a andar, com a boca infantilizada pela surpresa. Tentei cortar a conexão entre os dois fatos: o que eu sentira

² A este respeito, é oportuno lembrar os sonetos de Gregório de Matos, escritos no século XVII, que tratam da questão do pecado e do perdão em versos como: “Pequei, Senhor; mas não porque hei pecado,/Da vossa alta clemência me despido;/ Porque, quanto mais tenho delinquido,/Vos tenho a perdoar mais empenhado.”

minutos antes e o rato. Mas era inútil. Pelo menos a contigüidade ligava-os. *Os dois fatos tinham illogicamente um nexo* (LISPECTOR, 1999, p. 312, grifo meu).

A ilogicidade que ela diz existir entre aquilo que havia sentido e a topada com o rato morto constitui matéria não mais para o discurso teológico sobre Deus, mas sim, para o discurso literário sobre a vida que, liberado da obrigatoriedade de afirmar verdades sobre o sagrado, pode apontar os abismos, as falhas e as dúvidas que perpassam as experiências humanas, incluindo a experiência religiosa.

A partir da crise instaurada pela visão do rato morto, a narração é atravessada por reflexões que redimensionam não só o discurso teológico e literário sobre Deus, mas a própria estrutura da crônica, que ultrapassa a função de simples comentário dos acontecimentos relatados pela mídia. Neste sentido é que seria possível entender o título: perdoar a Deus é uma tarefa que se apresenta à narradora, pois o Deus que ela conhecia havia sido bruto e grosseiro ao colocar o rato em seu caminho, rompendo com o sentimento maternal que a ligava a esse mesmo Deus, à Terra, ao mundo: “Então era assim?, eu andando pelo mundo sem pedir nada, sem precisar de nada, amando de puro amor inocente, e Deus a me mostrar o seu rato? A grosseria de Deus me feria e insultava-me. Deus era bruto” (LISPECTOR, 1999, p. 312).

Embora admita que tentava esquecer, a narradora termina decidindo-se por vingar-se de Deus:

Continuei andando, procurava esquecer. Mas só me ocorria a vingança. Mas que vingança poderia eu contra um Deus Todo-Poderoso, contra um Deus que até com um rato esmagado poderia me esmagar? Minha vulnerabilidade de criatura só. Na minha vontade de vingança nem ao menos eu podia encará-Lo, pois eu não sabia onde é que Ele mais estava, qual seria a coisa onde Ele mais estava e que eu, olhando com raiva essa coisa, eu O visse? no rato? naquela janela? nas pedras do chão? Em mim é que Ele não estava mais. Em mim é que eu não O via mais.

Então a vingança dos fracos me ocorreu: ah, é assim? pois então não guardarei segredo, e vou contar. Sei que é ignóbil ter entrado na intimidade de Alguém, e depois contar os segredos, mas vou contar – não conte, só por carinho não conte, guarde para você mesma as vergonhas Dele – mas vou contar, sim, vou espalhar isso que me aconteceu, dessa vez não vai ficar por isso mesmo, vou contar o que Ele fez, vou estragar a Sua reputação (LISPECTOR, 1999, p. 312-313).

Ao elaborar textualmente uma reflexão sobre o que lhe aconteceu, a narradora, que a princípio pretendia não perdoar a Deus e, sim, denunciar Sua grosseria e estragar a reputação construída discursivamente para Ele, dá um salto e chega à conclusão de que a culpa pelo descompasso pode, na verdade, ser sua:

(...) mas quem sabe, foi porque o mundo também é rato, e eu tinha pensado que já estava pronta para o rato também. Porque eu me imaginava mais forte. Porque eu fazia do amor um cálculo matemático errado: pensava que, somando as compreensões, eu amava. Não sabia que, somando as incompreensões, é que se ama verdadeiramente. Porque eu, só por ter tido carinho, pensei que amar é fácil (LISPECTOR, 1999, p. 313).

Ao falar de soma de incompreensões, a autora destaca o caráter menos banal que deveria perpassar a relação das pessoas com Deus. O reconhecimento dessa possível culpa leva à problematização da relação com Deus, tirando-a de uma posição que não comporta questionamentos à figura de um Pai Todo-Poderoso. A possibilidade de ter de perdoar a Deus demonstra como esse Deus é um construto muitas vezes sem sentido. Não é Deus quem precisa ser perdoado, e sim a narradora que precisa reformular seu conceito sobre Ele e seu modo de vivenciar a experiência religiosa. Tal percepção é que lhe permite dizer que

enquanto eu imaginar que “Deus” é bom só porque eu sou ruim, não estarei amando a nada: será apenas o meu modo de me acusar. Eu, que sem nem ao menos ter me percorrido toda, já escolhi amar o meu contrário, e ao meu contrário quero chamar de Deus. [...] Porque enquanto eu amar a um Deus só porque não me quero, serei um dado marcado, e o jogo de minha vida maior não se fará. Enquanto eu inventar Deus, Ele não existe (LISPECTOR, 1999, p. 313).

4. Conclusão

O exercício de linguagem que está presente na crônica de Clarice Lispector que foi analisada seguramente contribui para uma compreensão mais densa da realidade e da experiência religiosa, pois nos apresenta um mundo que está além das possibilidades humanas de mensuração e compreensão puramente discursiva.

Esperamos haver demonstrado com o presente trabalho o modo pelo qual o texto clariceano termina por desbanalizar o discurso sobre Deus, dialogando com as construções discursivas da Teologia, tensionando as mesmas e abrindo espaço para a proposição de uma percepção diferenciada de Deus e da realidade.

Referências bibliográficas

GUIMARÃES, Mayara Ribeiro. Subjetividade e identidade na obra de Clarice Lispector. *Revista Garrafa* (PPGL/UFRJ. Online), v. 2, 2007. Disponível em <http://www.letras.ufrj.br/ciencialit/garrafa13/v2/mayararibeiro.html>, acessado em 23/06/2011.

KUSCHEL, Karl-Josef. *Os escritores e as escrituras: retratos teológico-literários*. São Paulo: Loyola, 1999.

LISPECTOR, Clarice. *A descoberta do mundo*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

MAGALHÃES, Antonio. *Deus no espelho das palavras: teologia e literatura em diálogo*. São Paulo: Paulinas, 2000.

_____. Notas introdutórias sobre teologia e literatura, in: *Teologia e Literatura*. São

Bernardo do Campo: UMESP, Curso de Pós-Graduação em Ciências da Religião. Caderno de Pós-Graduação em Ciências da Religião, nº 9, 1997, pp. 7-40.

MANZATTO, Antonio. Pequeno panorama de teologia e literatura, in: MARIANI, Ceci & VILHENA, Maria Angela (org.). *Teologia e arte: expressões de transcendência, caminhos de renovação*. São Paulo: Paulinas, 2011, pp. 87-98.

MATOS, Gregório de. "A Jesus Cristo nosso Senhor", in: *Poemas escolhidos*. São Paulo: Cultrix, 1976.

PAULA, Blanches de. Água viva: o instante-já do encontro entre teologia e literatura, in: *Teologia e Literatura*. São Bernardo do Campo: UMESP, Curso de Pós-graduação em Ciências da Religião. Caderno de pós-graduação em Ciências da Religião. São Bernardo do Campo, n. 9, 1997, p. 101-134.